

Os epítetos em *The Doll's House* e em dois de seus textos-alvo brasileiros

Roberta Rego Rodrigues¹
Lilian Becker Oliveira²

Resumo:

Este artigo tem por objetivo descrever e comparar os Epítetos de modo geral no conto *The doll's house* e em dois de seus textos-alvo brasileiros. Mais especificamente, tem por objetivo analisar também os Epítetos experienciais e interpessoais; e os Epítetos interpessoais positivos e negativos. Os contos foram anotados com rótulos relativos a essas categorias e eles foram quantificados no programa *AntConc*. Os resultados mostram que o conto *The doll's house* apresenta mais ocorrências dessas categorias em comparação às duas de suas traduções brasileiras. Podemos constatar que o cotexto e o contexto são relevantes para a identificação dos Epítetos e seus tipos. Podemos constatar também que quanto mais delicadas são essas categorias, mais significados podem ser observados.

Palavras-chave:

Estilística tradutória; Linguística sistêmico-funcional; Grupo nominal; Epítetos; *The doll's house*.

Abstract:

This paper aims to describe and compare the Epithets in general in the short story *The doll's house* and in two of its Brazilian target texts. More specifically, it also aims to analyse the experiential and interpersonal Epithets; and the positive and negative interpersonal Epithets. The short stories were annotated with labels relating to these categories and the labels were quantified using *AntConc*. The results show that the short story *The doll's house* has more occurrences of these categories compared to the target texts. We can see that cotext and context are relevant to the

1. Professora associada de Tradução dos pares linguísticos Inglês/Português/Inglês na Universidade Federal de Pelotas.

2. Graduada no curso de Licenciatura em Letras Português/Francês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Pelotas.

identification of Epithets and their types. We can also see that the more delicate these categories are, the more meanings can be observed.

Keywords:

Translational stylistics; Systemic functional linguistics; Nominal group; Epithets; *The doll's house*.

1 Introdução

Malmkjaer (2004) cita Leech (1969) ao considerar que a Estilística consiste na investigação do uso da língua na Literatura. Segundo Malmkjaer (2004), a Estilística Tradutória corresponde a essa investigação, levando-se em conta textos-fonte literários e seus respectivos textos-alvo.

A fim de investigar o uso da língua de textos literários em relação de tradução, cabe a seleção de uma teoria que considere tanto o contexto de cultura quanto o de situação, como a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A Linguística Sistêmico-Funcional tem uma tradição na pesquisa e descrição de diversos tipos de texto, como o literário, conforme pode ser visto em Halliday (1971), no qual o linguista indaga sobre a representação dos neandertais no romance *The Inheritors*.

Este artigo tem por objetivo pesquisar os Epítetos, de modo geral; os Epítetos interpessoais e experienciais; e, por fim, os Epítetos interpessoais positivos e negativos nos contos *The doll's house*, de Katherine Mansfield (2001), *A casa de boneca*, de Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016), e *A casa de bonecas*, de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza (MANSFIELD, 2005). No âmbito do grupo nominal, os Epítetos são, em geral, realizados por adjetivos e estão “subordinados” aos Entes, realizados por substantivos (Cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Ademais, ao que parece, os Epítetos e seus tipos ainda não foram investigados no referido grupo de contos. Em vista disso, elencamos as perguntas de pesquisa, que se direcionam ao *corpus* já mencionado.

- Como se expressam os Epítetos, de modo geral?
- Como se realizam os Epítetos interpessoais e experienciais?
- Como se manifestam os Epítetos interpessoais positivos e negativos?

Essas perguntas serão respondidas conforme o Referencial Teórico utilizado e a Metodologia empregada.

2 Referencial teórico

A Estilística Tradutória parece ter ganhado força a partir dos estudos de estilo de traduções e de tradutores que se basearam em *corpus* e que foram realizados por Baker (2000), como assinala Carneiro (2019). O objetivo desses estudos era o de delinear uma metodologia de análise do estilo de tradutores literários (BAKER, 2000). De acordo com Malmkjaer (2003), a Estilística



Tradutória é um ótimo meio para podermos compreender melhor a escrita da tradutora e também da escritora. Malmjkaer (2003) defende que a análise seja feita em duas etapas. A primeira busca entender as motivações da escritora do texto-fonte por intermédio de seus significados, e como considera Munday (2009), isso exige uma investigação textual cuidadosa. A segunda etapa demanda uma análise das implicações que levaram a autora a moldar o texto. Cabe lembrar que é de suma importância entender os fatores extralinguísticos que o restringem em função das convenções associadas ao seu idioma (MALMKJAER, 2003). A tradutora, no entanto, sofre pela restrição nas escolhas linguísticas, já que estas têm de ater-se ao texto-fonte e devem também “adaptar-se” à sua cultura, como afirma Malmjkaer (2003).

Através da proposta de Malmjkaer (2004), Blauth (2014) esclarece que a metodologia da Estilística Tradutória é realizada por meio da comparação do texto-fonte com o/s texto/s-alvo a fim de investigar as diferenças nas escolhas do léxico e criar hipóteses quanto à motivação da tradutora do ponto de vista textual, em um primeiro momento. Malmjkaer (2003 *apud* MAGALHÃES, 2014) sugere como método de análise a comparação entre duas traduções de diferentes tradutoras de um mesmo texto-fonte ou duas traduções de uma tradutora com uma diferença significativa de tempo entre as publicações. Podemos afirmar que tanto o Estilo em Tradução quanto a Estilística Tradutória, segundo Magalhães (2014), ao remeter a Baker (2000), nos possibilita compreender melhor a impressão digital daquela que traduziu o texto bem como entender as “adaptações” feitas para seu público-alvo.

Trouxemos essas citações de citações de Blauth (2014), Magalhães (2014) e Carneiro (2019) a fim de mostrar alguns pontos que essas autoras e esse autor destacaram em relação à Estilística Tradutória e ao Estilo em Tradução. Assim, podemos perceber que a Estilística Tradutória e o Estilo em Tradução estão interconectados. Tanto em uma quanto no outro, existe uma investigação linguística do texto-fonte literário e seus respectivos textos-alvo. Contudo, conforme apontado por Baker (2000) e Malmjkaer (2003, 2004), uma análise de Estilo em Tradução necessariamente leva em conta a regularidade de traços linguísticos nos *corpora* paralelos. Deste modo, essa análise pode ser considerada estilístico-tradutória, porém pensamos que nem todas as pesquisas estilístico-tradutórias podem ser encaradas como uma análise de Estilo em Tradução, pois essas pesquisas podem nem sempre focar a recorrência dos traços mencionados e, majoritariamente, levam em conta o significado dos itens linguísticos em relação de tradução.

Acreditamos que possam ser investigados traços de motivação e de implicações das escolhas linguísticas das autoras/tradutoras mediante categorias da Linguística Sistêmico-Funcional, pois se trata de uma teoria que pressupõe a língua em uso. Em vista disso, nosso estudo se dá com os Epítetos no conto *The doll's house* e em dois de seus textos-alvo brasileiros. Introduzimos o conceito de Epíteto a seguir.

Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que o Epíteto e o Classificador são, em geral, realizados por adjetivos e o Ente por substantivos, sendo que este último constitui o núcleo de significado do grupo nominal. Segundo Figueredo (2007), de modo distinto do princípio da língua inglesa, os Epítetos e Classificadores podem estar antepostos ou pospostos ao Ente na língua portuguesa, o que demonstra uma peculiaridade da estrutura lógica do grupo nominal em português. Magalhães (2000, p. 110) aponta que, na língua portuguesa, “a ordem adjetivo + substantivo é mais marcada que a ordem substantivo + adjetivo”. Magalhães (2000) também aponta que, ao optar-se por uma ordem ou outra, pode haver mudanças de significado. Um exemplo dessa distinção seria



dizer “boa gente” e/ou “gente boa”. De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), com frequência, fazer a distinção entre Epíteto e Classificador pode ser algo complexo. No entanto, conforme consideram os autores, sabe-se que o Classificador não admite graus de intensidade ou comparação.

Consoante Halliday e Matthiessen (2014), o Epíteto pode ser experiencial ou interpessoal/atitudinal, apesar de um mesmo Epíteto poder manifestar-se de um modo ou de outro, a depender do contexto. Lançamos mão de um exemplo de Vinay e Darbelnet (1995) a fim de explicar a diferença entre os tipos de Epíteto. Vinay e Darbelnet (1995) citam o exemplo dos adjetivos em inglês *small* e *little*. Em termos hallidayanos, o primeiro seria um Epíteto experiencial e o segundo um Epíteto interpessoal, tendo em vista que *small* parece expressar algo “racional” e *little*, as mais das vezes, manifesta um caráter de avaliação, como o de afetuosidade. A título de ilustração, *small* e *little* poderiam ser traduzidos como “pequena/o” ou “pequenas/os”.

Mais precisamente, Halliday e Matthiessen (2014) relacionam os Epítetos interpessoais ao sistema de Valoração (*Appraisal*, em inglês), proposto por Martin e White (2005). A Valoração preocupa-se como a Atitude, a Gradação e o Comprometimento são utilizados pela usuária da língua para expressar suas proposições e propostas de um ponto de vista interpessoal (Cf. MARTIN; WHITE, 2005). A título de exemplificação, White (2015) considera que o sistema de Atitude, ou seja, o Afeto, a Apreciação e o Julgamento, é comumente usado para referenciar o sistema de significados avaliativos a fim de obter uma visão positiva ou negativa em relação às manifestações experienciais, manifestações essas que dizem respeito a como representamos o mundo.

3 Metodologia

O texto-fonte escolhido foi o conto *The doll's house*, de Katherine Mansfield, e dois de seus textos-alvo em português brasileiro, quais sejam, *A casa de boneca*, de Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016), e *A casa de bonecas*, de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza (MANSFIELD, 2005).

O conto *The doll's house*, de Katherine Mansfield, foi escrito em 1921 e mostra inúmeros traços de como era a infância na Nova Zelândia em um tempo marcado pela divisão de classes sociais (RODRIGUES; RAPPUCI, 2010). De acordo com as autoras, a história se desenrola tendo como foco uma casa de bonecas com a qual as meninas Burnell são apresentadas. E essa narrativa ganha destaque pela segregação social presente na interação das personagens no momento em que inúmeras crianças da escola, com exceção das irmãs Kelvey, são convidadas a visitar a casa de bonecas (RODRIGUES; RAPPUCI, 2010). Lima (2002) assinala que o mundo infantil descrito nesse conto é uma miniaturização da vida adulta, pois todas as crianças parecem apresentar o comportamento dos pais. Rodrigues e Rapucci (2010) afirmam que o brinquedo leva a uma representação social do sistema burguês tido como perfeito. Tanto Rodrigues e Rapucci (2010) como Lima (2002) apontam para a revelação que envolve a lamparina no conto, já que é por meio do objeto que surge o elo de comunhão entre Kezia Burnell e Else Kelvey, ambas distanciadas pela barreira do status social prevalecente na narrativa.

O texto-fonte e os textos-alvo foram digitalizados; foram convertidos manualmente para o editor de texto *Word* da plataforma *Windows*; e foram revisados sucessivamente. Após a revisão, eles foram convertidos para arquivos TXT a fim de que pudessem ser carregados no programa



AntConc 3.5.9. O primeiro levantamento de adjetivos desses textos foi feito por meio da ferramenta *WordList*. E aqueles adjetivos tidos como Epítetos foram anotados em arquivos DOC dos textos-alvo e do texto-fonte, destinados para esse fim, utilizando os seguintes rótulos: <1>, <11>, <12>, <111>, <112>. O rótulo <1> refere-se a “Epíteto”; <11> a “Epíteto interpessoal”; <12> a “Epíteto experiencial”; <111> a “Epíteto interpessoal positivo”; e, por fim, <112> a “Epíteto interpessoal negativo”. Trazemos, a seguir, um exemplo com a anotação:

Exemplo 1:

Mas era perfeita <1>-<11>-<111>, perfeita <1>-<11>-<111> a casinha! Trad. Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016).

A sentença faz alusão à casa de bonecas. Trata-se de uma exclamação da narradora na terceira pessoa do discurso que pode referir-se à opinião das meninas Burnell. Note-se que há repetição do Epíteto “perfeita” que recebeu o rótulo <1>. Esse Epíteto é interpessoal <11> por conotar uma avaliação positiva <111>.

Foram considerados somente os adjetivos simples a título de uma maior sistematização da classificação. Dessa forma, os adjetivos compostos foram desconsiderados. Ademais, não foram levados em conta os adjetivos em locuções adverbiais, pois, do ponto de vista sintático, essas estruturas são acessórias no âmbito das orações (Cf. CEGALLA, 2008). Finalmente, os arquivos DOC dos textos-alvo e do texto-fonte com a anotação foram transformados em arquivos TXT a fim de eles fossem reconhecidos pelo programa *AntConc* 3.5.9.; os rótulos relativos aos Epítetos foram quantificados na ferramenta *Concordance* do referido programa e a quantificação foi disposta em tabelas que serão descritas e comparadas na próxima seção.

4 Resultados

Nesta seção, são feitas uma descrição e uma comparação dos dados quantitativos à luz da Estilística Tradutória e da Linguística Sistêmico-Funcional. Cabe avisar que TF corresponde ao texto-fonte (MANSFIELD, 2001); TA1 à tradução de Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016); e, por fim, TA2 refere-se ao texto traduzido de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza (MANSFIELD, 2005). Cabe avisar também que os Epítetos sob investigação se encontram em itálico e que os dados quantitativos são compostos de números absolutos.

Observemos a Tabela 1.

Tabela 1: Epítetos nos TF, TA1 e TA2

	TF	TA1	TA2
Epítetos	129	106	94

Fonte: Elaborada pelas autoras.



O TF possui mais ocorrências de Epítetos em comparação aos TA1 e TA2. Isso indica que alguns Epítetos do TF foram omitidos ou traduzidos por outros vocábulos nos textos-alvo. O exemplo 2 mostra esses fenômenos.

Verifiquemos o exemplo 2:

Exemplo 2:

TF: Its two *solid little* chimneys, glued on the roof, [...]

TA1: As duas chaminés *pequenas*, coladas no telhado, [...]

TA2: Suas duas chaminezinhas *falsas*, coladas no telhado, [...]

O exemplo 2 remete à casa de bonecas. Nesse exemplo, o TA1 omite o Epíteto *solid* e traduz o Epíteto *little* como “pequenas”. Além de omitir o epíteto *solid*, o TA2 opta pelo diminutivo de “chaminé”, não traduzindo expressamente o Epíteto *little* e acrescentando o Epíteto “falsas”. Os tradutores Moura e Souza traduzem o Epíteto *little* imprimindo uma Valoração distinta às chaminés, pois preferem “acoplar” o referido Epíteto ao Ente (i.e., “chaminezinhas”). Como podemos perceber no exemplo 2, a tradutora e os tradutores fazem escolhas diferentes daquelas do TF, do ponto de vista dos Epítetos, considerando que no TA2 há mais mudanças, apesar de Malmkjaer (2003) afirmar que as tradutoras têm de restringir-se ao texto-fonte. Com o acréscimo do epíteto “falsas”, o TA2 traz um novo significado à tradução do grupo nominal *Its two solid little chimneys*. Além disso, tanto o TA1 quanto o TA2 fazem uso da forma não marcada “substantivo + adjetivo”, o que é apontado por Magalhães (2000).

O TA1 de Bottmann apresenta mais Epítetos que o TA2 de Moura e Souza, conforme a Tabela 1. Vejamos o exemplo 3.

Exemplo 3:

TF: The lamp was *real*.

TA1: A lamparina era *real*.

TA2: O lampião era de verdade.

O exemplo 3 traz orações alusivas à casa de boneca. Podemos observar que o TA1 possui o Epíteto “real” e que o TA2 possui a locução adjetiva “de verdade”. O exemplo 3 é um caso em que ocorre um Epíteto no TA1 que é inexistente no TA2, o que confirma os dados da Tabela 1 em relação a esses textos-alvo.

Vejamos a Tabela 2.

Tabela 2: Epítetos interpessoais e experienciais nos TF, TA1 e TA2

	TF	TA1	TA2
Epítetos interpessoais	110	91	79
Epítetos experienciais	19	15	15

Fonte: Elaborada pelas autoras.



De acordo com a Tabela 2, podemos observar que os Epítetos interpessoais superaram em um maior número de ocorrências os Epítetos experienciais nos três textos. Isso denota o caráter bastante atitudinal dos Entes nos TF, TA1 e TA2. Comparando os TA1 e o TA2, o primeiro apresenta mais Epítetos interpessoais que o segundo. Quanto aos Epítetos experienciais, a frequência é a mesma em ambas as traduções, e mais elevada no texto-fonte.

Observemos o exemplo 4.

Exemplo 4:

TF: It stood in the middle of the dinner-room table, an *exquisite little amber* lamp with a white globe.

TA1: Ficava no centro da mesa de jantar, uma *linda* lamparina de âmbar com um globo branco.

TA2: Estava no centro da mesa da sala de janta, um *requintado* lampião cor de âmbar, com cúpula branca.

Novamente, trazemos exemplos com *lamp/lamparina/lampião*, utensílios simbólicos nos contos. De acordo com o exemplo 4, *exquisite* (TF), “linda” (TA1) e “requintado” (TA2) são considerados Epítetos interpessoais positivos. Note-se que os correspondentes de *amber*, que se trata de um Epíteto experiencial, não foram classificados como Epítetos nos TA1 e TA2, pois formam locuções adjetivas nesses textos (i.e., “de âmbar”). O Epíteto *amber* foi classificado como experiencial por não apresentar uma Valoração, a priori. Apesar disso, o Epíteto interpessoal positivo *little* possui uma Valoração ao caracterizar com mais especificidade a lamparina. E podemos notar que esse Epíteto interpessoal foi omitido nos TA1 e TA2. Isso tem impacto na diminuição da interpessoalidade nesses textos-alvo, desse ponto de vista. No que tange aos Epítetos experienciais *white*, “branco” e “branca”, não houve anotação visto que eles se encontram em locuções adverbiais (Cf. seção de Metodologia).

Verifiquemos a Tabela 3.

Tabela 3: Epítetos interpessoais positivos e negativos nos TF, TA1 e TA2

	TF	TA1	TA2
Epítetos interpessoais positivos	48	40	32
Epítetos interpessoais negativos	62	51	47

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A Tabela 3 mostra que os Epítetos interpessoais negativos são mais abundantes que os Epítetos interpessoais positivos. Isso pode se dever, parcialmente, ao fato de que as irmãs Kelvey não são tidas em consideração por grande parte das outras personagens nos contos.



Vejam os exemplos 5.

Exemplo 5:

TF: Even the teacher had a *special* voice for them, and a *special* smile for the other children when Lil Kelvey came up to her desk with a bunch of dreadfully common-looking flowers.

TA1: Mesmo a professora, quando Lil Kelvey se aproximava de sua mesa com um ramalhete de flores de aparência mortalmente ordinária, usava um tom de voz *especial* para elas, enquanto dava um sorriso *especial* para as outras.

TA2: Até mesmo a professora se dirigia a elas com uma entonação *especial* e reservava um sorriso *especial* para as outras meninas quando Lil Kelvey se aproximava de sua mesa com um ramalhete de flores de aparência lastimavelmente vulgar.

O exemplo 5 apresenta os sentimentos da professora em relação às Kelvey e às outras alunas. Mediante os Epítetos interpessoais *special*/"especial"/"especial", podemos notar que a conotação é positiva quando a professora se refere às outras alunas ao passo que tal conotação é negativa ao referir-se a Lil Kelvey. A classificação desses Epítetos valeu-se da questão contextual (Cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), pois por meio do contexto foi possível classificar em um dado momento *special*/"especial"/"especial" como Epítetos interpessoais positivos e, em um outro, como negativos.

Observemos o exemplo 6.

Exemplo 6:

TF: It was so *big* that the carter and Pat carried it into the courtyard, and there it stayed, propped up on two *wooden* boxes beside the feed-room door.

TA1: Era tão *grande* que teve de ser carregada a quatro braços, pelo carroceiro e por Pat, até o quintal e lá ficou, apoiada em duas caixas de madeira ao lado da porta da despensa.

TA2: Era tão *grande* que o entregador e Pat levaram-na só até o quintal e lá ela ficou apoiada em dois caixotes de madeira ao lado da despensa.

O exemplo 6 faz alusão ao tamanho da casa de bonecas. Os intensificadores *so*/"tão"/"tão" que se vinculam ao sistema Gradação, conforme Martin e White (2005), nos auxiliou a classificar os Epítetos interpessoais *big*/"grande"/"grande" em negativos, assim como o contexto que mostra a dificuldade de o carroceiro e de Pat ao carregar a casa de bonecas. Além disso, podemos observar que o Epíteto experiencial *wooden* foi traduzido pela locução adjetiva "de madeira" em ambos os textos-alvo, o que pode mostrar uma sintonia entre a tradutora e os tradutores, sob essa perspectiva.

Verifiquemos o exemplo 7.

Exemplo 7:

TF: They brushed through the *thick* buttercups at the road edge and said nothing.

TA1: Passaram entre os *densos* botões-de-ouro na beira da estrada e não disseram nada.

TA2: Rasparam pelos canteiros de botões-de-ouro na beira da estrada e não disseram nada.



O exemplo 7 é relativo às irmãs Burnell. De acordo com a Tabela 3, há mais Epítetos interpessoais positivos no TA1 em cotejo com o TA2. O exemplo 7 comprova isso. Ao observarmos o TA2, podemos ver que o Epíteto interpessoal positivo *thick* não foi traduzido enquanto que no TA1 ele foi vertido para “densos”.

Vejamos o exemplo 8.

Exemplo 8:

TF: “How dare you ask the *little* Kelveys into the courtyard!”

TA1: – Como você se atreve a chamar as *pequenas* Kelvey para o quintal?

TA2: “Como você se atreve a convidar estas meninas para vir ao quintal?”

O exemplo 8 traz falas de Beryl, tia das irmãs Burnell, relativas aos TF, TA1 e TA2. Nesse exemplo, os Epítetos interpessoais são *little*/pequenas/nulo. Os referidos Epítetos foram classificados em negativos porque as irmãs Kelvey não possuem uma boa reputação em seu círculo social, o que alude ao caráter de avaliação desse Epíteto, como observado por Vinay e Darbelnet (1995). Apesar de o TA2 não ter traduzido o Epíteto supracitado, o dêitico “estas” conotam, de certa maneira, um desprezo em relação às irmãs Kelvey por parte da tia Beryl. O TA1 é um dos poucos exemplos em que há um Epíteto interpessoal negativo que não está presente no TA2.

Procedemos neste momento para as considerações finais deste artigo.

5 Considerações finais

Do ponto de vista da Estilística Tradutória e da Linguística Sistêmico-Funcional, este artigo alcançou seus objetivos ao descrever e comparar os dados quantitativos relativos aos Epítetos, em geral, e aos Epítetos experienciais, interpessoais, interpessoais positivos e negativos nos contos *The doll's house* (MANSFIELD, 2001), e duas de suas traduções para o português brasileiro, ou seja, *A casa de boneca*, de Denise Bottmann (MANSFIELD, 2016), e *A casa de bonecas*, de Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza (MANSFIELD, 2005).

Os Epítetos são mais abundantes no TF que nos TA1 e TA2. E, conseqüentemente, os Epítetos experienciais, interpessoais, interpessoais positivos e negativos também são mais recorrentes no TF que nos TA1 e TA2. Assim, Mansfield (2001) imprime mais caracterizações aos Entes em comparação à tradutora e aos tradutores, o que pode ter impacto na narrativa sob essa perspectiva como, por exemplo, o menor detalhamento de algumas personagens nas traduções.

Comparando o TA1 com o TA2, o TA1 apresenta mais Epítetos e seus tipos que o TA2, com exceção dos Epítetos experienciais que possuem o mesmo número de ocorrências em ambos os textos-alvo. Vimos que houve omissões de Epítetos e que eles foram traduzidos por outros vocábulos nos TA1 e TA2. Além disso, esses textos-alvo utilizaram locuções adjetivas para traduzir adjetivos do TF, como “de âmbar” e “de madeira”, o que está relacionado com peculiaridades dos sistemas linguísticos envolvidos. Ademais, verificamos que o cotexto e o contexto (Cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) foram importantes para a anotação do *corpus*, como pode ser observado nos exemplos 5 e 6. Mediante o cotexto e o contexto, podemos perceber que o Epíteto “especial”, no exemplo 6, apresenta conotações diferentes em função de a quem é endereçado, ou seja, o referido



Epíteto é positivo em relação às alunas de classe social mais elevada e negativo em relação àquela de classe social mais baixa. Acrescido a isso, os Epítetos interpessoais negativos são predominantes em todos os textos, o que se relaciona com a Valoração desfavorável das irmãs Kelvey, como pode ser verificado no exemplo 8.

Apesar de os adjetivos, que são geralmente realizados por Epítetos, estarem em “uma baixa posição” de uma escala de ordens (*rank scale*) que, segundo Halliday e Matthiessen (2014), pode ser composta pelo morfema, palavra, grupo/frase e oração, verificou-se que, quando há um nível de delicadeza (*delicacy*), ou seja, quando há um grau de especificidade das categorias investigadas, podemos identificar mais significados sendo manifestados.

Esperamos que este estudo de caso possa suscitar outras pesquisas que desejem descrever e comparar categorias linguísticas em textos-fonte e textos-alvo literários.

Referências

- BAKER, Mona. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, Amsterdam, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.
- BLAUTH, Taís Paulilo. A paisagem indescritível em *Heart of Darkness* e duas traduções brasileiras: um estudo exploratório de estilística tradutória com base em corpus. *Belas Infêis*, Brasília, DF, v. 3, n. 1, p. 185-197, 2014.
- CARNEIRO, Raphael Marco Oliveira. Tradução e retradução do romance *Life of Pi*: estudo exploratório de estilística tradutória com base em corpus paralelo bilíngue inglês/português. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 1248-1266, 2019.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- FIGUEREDO, Giacomo Patrocínio. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Linguistic function and literary style: an inquiry into the language of William Golding's *The Inheritors*. In: CHATMAN, S. (ed.). *Literary Style: a Symposium*. New York: Oxford University Press, 1971. p. 330-368.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Matthias Ingemar Martin. *Halliday's introduction to functional grammar*. London and New York: Routledge, 2014.
- LIMA, Maria do Carmo Quartin. *Epifania em Katherine Mansfield*: imagens essenciais no espaço/tempo poético (estudo dos contos Sol e lua, A casa das bonecas, A festa e Felicidade). 2002. Dissertação (Mestrado Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- MAGALHÃES, Célia Maria. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: ALVES, Fabio; MAGALHÃES, Célia Maria; PAGANO, Adriana. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Editora Contexto, 2000. p. 87-112.



- MAGALHÃES, Célia Maria. Estra: um corpus para o estudo do estilo da tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 34, p. 248-271, jul./dez. 2014.
- MALMKJAER, Kirsten. What happened to God and the angels: an exercise in translational stylistics. *Target*, Amsterdam, v. 15, p. 37-58, 2003.
- MALMKJAER, Kirsten. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. *Language and Literature*, London, v. 13, n. 1, p. 13-24, 2004.
- MANSFIELD, Katherine. The doll's house. In: MANSFIELD, Katherine. *The collected stories*. London: Penguin Books, 2001. p. 383-391.
- MANSFIELD, Katherine. A casa de bonecas. In: MANSFIELD, Katherine. *Contos*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 191-199.
- MANSFIELD, Katherine. A casa de boneca. In: MANSFIELD, Katherine. *Os melhores contos de Katherine Mansfield*. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2016. p. 163-173.
- MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. Basingstoke/New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MUNDAY, Jeremy. *Style and ideology in translation: Latin American writing*. New York; London: Routledge, 2009.
- RODRIGUES, Talita Annunziato; RAPPUCCI, Cleide Antonia. A frágil realidade de plástico: um estudo comparativo de imagem "Casa de Bonecas" em Henrik Ibsen e Katherine Mansfield. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 32, n. 1, p. 125-132, 2010.
- VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Comparative stylistics of French and English: a methodology for translation*. Tradução: Juan C. Sager e M.-J. Hamel. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. Publicação francesa original de 1958.
- WHITE, Peter. Appraisal theory. In: TRACY, Karen. *The International Encyclopedia of Language and Social Interaction*. 1. ed. New Jersey/Toronto: John Wiley & Sons, 2015. p. 1-7.

Recebido em: 22/10/2021

Aceito em: 10/12/2021

